

OS TURCOS E A EUROPA

André Barrinha

JOSÉ PEDRO TEIXEIRA
FERNANDES

**Turquia:
Metamorfoses
de Identidade**

Lisboa,
ICS,
2005, 196 páginas

Numa entrevista ao jornal *Le Monde* a 8 de Novembro de 2003, o então presidente da Convenção Europeia, Valérie Giscard d'Estaing, afirmava que a Turquia nunca poderia vir a fazer parte da União Europeia (UE). Segundo ele, são vários os argumentos que sustentam tal ideia: a capital da Turquia não é na Europa; 95 por cento da população turca vive fora do continente europeu; a Turquia, a entrar, tornar-se-ia o país mais pobre e mais numeroso da União; e, por último, é um país com uma cultura e um modo de vida diferentes dos dos actuais estados-membros da UE. Em suma, para o ex-Presidente francês, a adesão da Turquia significaria o fim do processo de construção europeia.

O interesse destas afirmações reside não só na importância da pessoa que as profere, mas também no facto de condensarem os principais argumentos que rejeitam a entrada da Turquia para a UE – o argumento económico-social, o geográfico e o cultural. Uma Turquia demasiado pobre e com demasiada população, uma Turquia que no continente europeu tem apenas uma pequena porção do seu terri-

tório; uma Turquia com outra religião e outros hábitos culturais.

Em *Turquia: Metamorfoses de Identidade*, José Pedro Teixeira Fernandes centra-se principalmente no terceiro argumento deste debate: o argumento cultural. Saber qual a possibilidade e os limites da «integração de culturas claramente diferenciadas, numa identidade europeia que se pretende (minimamente) harmoniosa e consistente» (p. 25) é o objectivo principal do seu estudo. O autor parte, portanto, da hipótese de que existe uma consistente e harmoniosa identidade europeia e, sobretudo, que esta é fundamental para o sucesso do processo de integração. No fundo, como que salienta a existência de um oculto critério de Copenhaga, que não é somente político, económico ou «comunitário», mas também religioso-cultural.

TURQUIA: ENTRE O SECULARISMO E A RELIGIÃO

Nacionalismo e Islão. São estes os dois conceitos, cuja aplicação e ligação entre si, no caso de estudo da Turquia, mais preocupam o autor. O nacionalismo kemalista, base da criação do Estado turco, foi cons-

truído artificialmente (como muitos outros), mas com a característica específica de o ter sido num curto período de tempo e em substituição de uma identidade sócio-política em muito assente em bases antagónicas: ao califado otomano impôs-se um regime secular; ao multiculturalismo próprio de um Império, uma pretensa homogeneidade dos povos da Anatólia reunidos sob o termo «Turco». Esse nacionalismo era para Mustafa Kemal «Atatürk» o pilar fundamental do novo Estado; contudo, construí-lo sobre o seu oposto acabou por fazer dele um processo recheado de aspectos contraditórios. Um episódio comprovativo disso mesmo foi a prisão do actual primeiro-ministro Recep Tayyip Erdoğan em 1997, por este ter recitado um poema em que aliava metáforas bélicas a símbolos da religião muçulmana, quando esse poema pertence a um dos principais teóricos do nacionalismo turco, que, por sua vez, é de origem curda...

Segundo José Pedro Teixeira Fernandes, a aposta de Atatürk num nacionalismo secularista, em muito influenciado pelo republicanismo francês, seria, com a sua morte e com a «multipartidarização» do sistema político turco nos anos 40, parcialmente desconstruída. Essa mudança ter-se-á verificado aquando da vitória do Partido Democrata de Adnan Menderes nas eleições legislativas de 1950. A liberdade de voto permitiu aos que não se reviam no nacionalismo secular e modernizador de Atatürk – sobretudo a população rural e os sectores mais intimamente ligados à oposição religiosa – colocar este partido no poder. O retorno do livre exer-

cício da liberdade religiosa, proibida por Atatürk, foi um dos exemplos daquilo a que o autor apelida de «contra-revolução» do Partido Democrata – a religião voltava a ocupar publicamente um lugar que na esfera privada nunca tinha deixado de ocupar. Na opinião de José Pedro Teixeira Fernandes, esse retorno corresponde a uma síntese turco-islâmica, que resume a identidade turca e que esteve bem visível tanto nas eleições de 1995, como, mais recentemente, nas de 2002, ambas com a vitória de partidos de raiz islâmica.

OS «OUTROS» TURCOS

O autor dedica todo o quarto capítulo à diversidade do povo turco e à consequente ausência de uma identidade nacional forte. Afirma inclusive que a unidade cultural/nacional que Ancara tentou impor, nunca resultou, que essa unidade «de facto nunca existiu» (p. 76), para em seguida analisar as principais clivagens na sociedade turca: o kemalismo, por oposição ao movimento pró-islamita (a contra-revolução de que falámos antes); o sunismo, por oposição aos turcos alevi; e, finalmente, os curdos em relação aos restantes turcos. O primeiro binómio, atendendo ao relevo que detém no resto da obra, não merece grandes comentários neste capítulo. Relativamente ao segundo binómio, o problema reside na não consideração dos alevi como diferentes – o facto de serem muçulmanos faz com que não seja salientada a questão de não serem sunitas. O terceiro binómio é sem dúvida o mais conhecido de todos eles. A questão curda, para além do conflito armado que desde 1984 já matou perto de 40 mil pes-

soas, aponta para aquela que é a maior cicatriz do nacionalismo turco – a unidade territorial. Uma cicatriz que recua ao Tratado de Sèvres de 1920, quando as grandes potências vencedoras trataram de dividir o território do ex-Império Otomano de acordo com os seus interesses. Mais uma vez, a ausência de um diferenciador religioso – o único critério constitucionalmente aceite que permite considerar uma minoria étnica na Turquia e que é prerrogativa exclusiva de arménios, judeus e gregos – levou Ancara a recusar qualquer tipo de direitos colectivos aos curdos. Somente as negociações da Turquia com a UE desde 1999, e as reformas internas que daí advêm, têm aberto as portas a algumas concessões por parte do Estado central num processo que só agora dá os seus primeiros passos.

A TURQUIA E A UNIÃO EUROPEIA

De forma subentendida ao longo dos primeiros cinco capítulos, e explícita a partir daí, esta obra revela ser, no essencial, um ensaio sobre as limitações da possibilidade de entrada da Turquia na União Europeia. Concluindo toda a tese desenvolvida até então, Fernandes afirma que «a Turquia evoluiu com uma certa naturalidade [...] para uma síntese turco-islâmica [...] que se diferencia claramente da evolução secularista europeia» (p. 139), que por seu turno «é mais cristã, ou mais pró-cristã do que normalmente é transmitido» (p. 172).

Para além desta síntese, há outros factores potenciados pelo fim da Guerra Fria que podem encaminhar a identidade turca num sentido mais asiático que europeu.

O autor desenvolve toda uma teoria geopolítica dos interesses regionais turcos, que passa pelo aumento da sua influência nos Balcãs, no Cáucaso e na Ásia Central. No primeiro caso, trata-se do renascimento da «Questão do Oriente»: segundo o autor, há o receio de a Turquia querer usar a sua integração na UE para desenvolver uma política «neo-otomana» para a região. Quanto à conexão Cáucaso-Ásia Central, trata-se, sobretudo, do desenvolvimento do pan-turquismo, baseado nas proximidades linguísticas com os povos da Ásia Central e nas afinidades culturais com o Azerbaijão. Apesar de constatar as limitações desta política, José Pedro Teixeira Fernandes não deixa de considerar a sua exequibilidade, alegando que pode tornar ainda menos sustentável uma Turquia europeia.

Mas nem só do argumento cultural fala o autor. De forma a reforçar a ideia de que a Turquia dificilmente poderá alguma vez aderir à UE, lança as cartas do argumento demográfico e do argumento económico. A Turquia passaria a absorver grande parte do orçamento comunitário atendendo às suas diferenças de rendimento em relação à média europeia e, sobretudo, passaria a ser o maior país da UE, com o que isso tem de implicações para o processo de decisão da organização: «não deixaria de ser uma ironia da história da construção europeia ver a religiosa e/ou sociologicamente islâmica Turquia, por força do seu dinamismo demográfico, surgir como o país com mais representação institucional na UE quando, na origem das Comunidades/União Europeia, nos anos 50 do século XX, as democracias-cristãs de

Robert Schuman em França, Konrad Adenauer na Alemanha, e de Alcide de Gasperi em Itália, foram sustentáculos fundamentais dessa construção e, em grande parte, também garantes do sucesso do movimento de integração nas décadas seguintes» (p. 143).

Tal como nas afirmações de Giscard d'Estaing, também aqui encontramos a tríplice argumentativa daqueles que rejeitam a entrada da Turquia na União Europeia.

PARADOXOS

Um dos maiores problemas para quem escreve sobre a Turquia nos dias de hoje é o de conseguir passar ao lado do debate mais ou menos apaixonado que corre por toda a Europa (talvez com a exceção de Portugal) sobre a possibilidade/viabilidade da adesão de Ancara à União Europeia.

Teixeira Fernandes tenta fazê-lo, mas, propositada ou inadvertidamente, resvala para esse debate na parte final da sua obra, acabando por revelar algumas fragilidades no seu argumento relativo à formação de uma imagem da identidade turca. A sua tentativa de «desmascarar» a ideia de que, apesar de muçulmana, a Turquia é sobretudo secular, é eficaz até ao ponto em que, após desconstruir essa imagem, constrói uma nova – a da síntese turco-islâmica. E constrói essa imagem em oposição a uma outra, a da homogeneidade cultural e religiosa da Europa Ocidental. Acaba assim por colocar frente a frente duas imagens homogêneas, que têm, na sua opinião, mais diferenças que semelhanças. Os problemas argumentativos surgem quando é inserida na obra a questão dos

«outros» turcos, daqueles que não cabem na síntese turco-islâmica de raiz sunita – falamos dos alevi e dos curdos. Segundo o próprio autor, «independentemente das divergências de dados, pelo menos um terço da população da Turquia não está representada na identidade nacional, tal como está definida actualmente» (p. 99). José Pedro Teixeira Fernandes aborda, igualmente, o impacto do fim da Guerra Fria na identidade turca, salientando o retorno da «Questão do Oriente» e das ideias do pan-turquismo, com um potencial virar para a Ásia da identidade turca. Contudo, ao afirmar que «a questão que fica por responder é a de saber se a (re)descoberta desta componente identitária asiática não vai provocar uma (ainda maior) fragmentação na identidade cultural-nacional turca» (p. 165), só reforça a constatação da ausência de uma claramente definida identidade nacional turca. O autor não nega, obviamente, esta realidade. Interpreta-a, contudo, em paralelo à síntese turco-islâmica, isto é, sem a desconstruir, questionando-se sobre a possibilidade de o Estado turco alguma vez admitir a sua multiculturalidade. O autor coloca, portanto, esta questão em dois patamares: no patamar do Estado, o detentor da versão oficial da identidade turca, e no patamar da população, multicultural. É interessante esta distinção quando, anteriormente, nos tinha sido mostrado que, nos anos 1930-1940, Atatürk tinha criado uma identidade turca que não correspondia à realidade da sua sociedade e que, mais tarde, na contra-revolução do Partido Democrata, seria necessariamente revista. José Pedro Tei-

xeira Fernandes desmonta essa abordagem dos dois patamares no primeiro caso, para mais tarde utilizar esse mesmo tipo de análise binária como reforço do seu argumento num outro contexto. Na verdade, utiliza-a para sustentar o seu argumento principal – o de quão diferentes são os turcos dos europeus.

Em suma, não se tivesse o autor preocupado com a relação da Turquia com a Europa, mas somente em debater a identi-

dade turca, teria um argumento certamente mais sólido que aquele que acabou por apresentar, até porque, em última análise, a oposição a uma identidade europeia necessitava que também esta fosse abordada de forma aprofundada.

A riqueza dos factos que apresenta permite, contudo, a cada leitor uma análise dos mesmos, independentemente do argumento do autor. E essa é, sem dúvida, a principal mais-valia desta obra. **RJ**